

# SEM RISCOS NA ECONOMIA

Brasil

27 JAN 1992

## Mas problemas com a inflação continuam

O comportamento da inflação não apresentará nenhuma surpresa nas próximas semanas, mantendo uma ligeira tendência de alta, mas sem provocar quaisquer sustos nos agentes econômicos. O agravamento da recessão, com a acentuada queda do poder de compra e mais desemprego, especialmente no setor industrial, e a expectativa de um acordo com o FMI ajudam o governo a controlar, embora de forma perigosa, os níveis da inflação, avaliam economistas e consultores de empresas.

“Uma inflação desse tipo, no nível em que se encontra, torna-se instável”, entende o ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira que, no entanto, não vê o risco de haver uma explosão das taxas. “O ajuste fiscal, que considero satisfatório, e um acordo com o FMI ajudam a segurar um pouco a aceleração das taxas”, acredita Bresser, que acaba de voltar dos Estados Unidos, onde manteve contatos com representantes do FMI e do Banco Mundial. Bresser prevê um avanço “lento” da inflação: de 24% a 25% em janeiro; de 25% a 26% em fevereiro. Mas discorda frontalmente do que ouviu de representantes do FMI nos EUA, de que a inflação está em queda.

O consultor e economista Márcio Orlandi, sócio-diretor da Arthur Andersen, diz que “há muita inflação represada”. Segundo ele, “nas empresas não se justificam essas atuais taxas de inflação”, porque há um distanciamento entre esse cenário imposto pela política recessiva do governo e a realidade que afeta as companhias. Orlandi lembra que muitas indústrias, no último trimestre, traba-



José Paulo Lacerda/AE — 04.12.90

**Bresser: avanço lento da inflação.**

lharam praticamente sem margem, mas agora precisam recompor seus preços em razão dos custos que absorveram ao longo do período. De qualquer forma, ele concorda que o acordo com o FMI será ponto fundamental para que o governo possa continuar o controle da inflação nesses níveis. O câmbio, diz, será um aliado importante para a manutenção dessa política e o controle da base monetária. “Por enquanto, o tigre está apenas confinado”, alerta.

O economista Geraldo Gardenalli, que foi secretário-geral da Fazenda entre março de 90 e janeiro de 91 e atualmente é presidente da Ordem dos Economistas

de São Paulo, prevê inflação de 24% a 25% em janeiro, entendendo que a taxa deverá ficar nesse patamar em fevereiro, talvez com uma leve tendência de alta, pela recomposição de tarifas e serviços

personais. Mas nada preocupante, analisa Gardenalli, para quem fatores de alta, como recomposição de preços agrícolas, serão equilibrados pelos fatores de baixa, como vestuário e aluguel.

Gardenalli acrescenta outro dado para justificar por que não acredita em mudanças no comportamento da inflação: o agravamento da recessão, com reflexos diretos na indústria e aumento do desemprego, não traz, como contrapartida, qualquer sinal mais forte de mobilização dos segmentos da sociedade. Assim, o governo anima a tocar sua política.

Outro economista, Carlos Alberto Longo, professor da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo, entende que a inflação está “inercializada” num patamar preocupante, especialmente em termos políticos: “A recessão tende a aumentar e isso não é confortável para o governo.” Longo também acredita que a inflação continuará nesse ritmo estimado por Bresser, Gardenalli e Orlandi, mas prevê uma crise política antes do início do segundo semestre, com revisão dos compromissos assumidos com o FMI.

**Darci Higobassi/AE**